

Ateneu Proletário Galego Nº4

O comunismo antirrevisionista: entender e transformar o mundo



Preço - 1€

ateneuproletario.wordpress.com

ateneuproletariogalego@gmail.com

Índice

Introdução	4
As relações sociais	5
O caráter de classe	6
As grandes tendências históricas	7
A Grande Depressão económica e a ofensiva capitalista	8
A independência de classe	9
A contradição social hegemónica	9
A origem do nacionalismo	10
A origem das nações	11
Transformar o mundo	16

1-Introdução

Muitas são as perguntas que temos que fazer. Muitos os temas que aclarar. Desde as questões mais gerais e decisivas que giram a volta da nossa própria existência como comunistas galegas e sobre os inimigos do povo trabalhador, como outras mais concretas.

A origem e desenvolvimento da nação, das classes, da luta entre as classes, do estado, do nacionalismo, etc. Sem esquecer as problemáticas metodológicas que formam a base do Marxismo.

Um dos importantes temas em discussão é a relação entre a opressão nacional com a sua luta de libertação e as contradições entre as classes com a revolução proletária. Ou sobre o estilo e método de trabalho, a teoria revolucionária, a linha política, etc.

Nos nossos artigos temos intentado responder a estas e outras questões. O necessário trabalho para isto obrigou-nos a estudar em fundo a origem das nações, das classes sociais, dos nacionalismos. Também a relação entre as ideias e práticas políticas concretas e os sujeitos históricos que são as classes sociais.

O trabalho que levamos realizado como destacamento comunista deu como fruto a nossa linha política.

Nesta publicação queremos dar um visum geral de alguns dos principais pontos da nossa linha política. Desejamos que vos seja útil para entender o mundo, para transformalo e que favoreça na luta de duas linhas entre a vanguarda proletária.

Empregando o Marxismo -o Materialismo Histórico- é impossível crer que detrás da autodeterminação nacional que proclamam umas determinadas pessoas e organizações não estejam os interesses dumhas classes sociais reais. Crer que os partidos são um conglomerado de ideias abstratas, Pensar que as grandes decisões políticas, que os grandes feitos

históricos, se devem a vontades individuais de determinadas pessoas, provoca que sejamos incapazes de entender nada da história. O que ademais fará que não podamos atuar conscientemente.

Estudar as lutas revolucionárias de outros povos sempre foi um dos nossos objetivos. É de estas experiências históricas reais de onde aprendemos. Neste aspeto temos que destacar que ademais das mais afamadas revoluções (Rússia, China, Cuba, Vietname), é muito interessante analisar tanto os processos revolucionários que estão triunfando (Índia, Filipinas, Turquia), como os fracassos de outros processos que no seu dia foram muito importantes (Peru, Colômbia, O Salvador, Nepal). Particularmente interessante neste momento parece-nos o caso do Brasil, onde o movimento revolucionário está medrando com grande força.

2- As relações sociais

Marx once teses sobre Feurbath, Tese VI:

“Mas a essência humana não é algo abstrato e inato da cada pessoa. É na realidade o conjunto de relações sociais”.

Tese VIII: “Todos os mistérios que descarrilam a teoria em direção ao misticismo, tomam solução na prática humana e na compreensão de essa prática”.

Foi precisamente este descobrimento de Marx o que deu origem a autêntica ciência social. Como as relações sociais são objetivas, mediante o estudo do comportamento social destas podemos topar as chaves da realidade. Graças a isto foi que Marx pôde identificar aos sujeitos históricos: as classes sociais.

O segredo das sociedades humanas é que são relações sociais objetivas. A riqueza, o poder político, as religiões, etc, não são mais que relações sociais. Não é o ouro por ele mesmo, nem a natureza, nem a psicologia, nem qualquer outra coisa. A natureza não é quem lhe dá um valor económico ao ouro, ou ao dinheiro, etc, senão a sociedade. O

mesmo passa com todas as formas de propriedade, de poder político, etc. O feito de que as pessoas protejam, sirvam, trabalhem, obedeam, ataquem, prendam, etc, a outras pessoas é o que cria o valor de troca, o poder político, a riqueza, a sanidade, os estados, etc.

Ademais como as relações sociais som objetivas podem quantificar-se, medir-se, como qualquer outro fenómeno objetivo, é dizer ao margem das opiniões que tenham as pessoas que intervirem num fenómeno social e à margem do observador externo.

3- O caráter de classe

Umha das questons que temos que ter mais claras é que numha sociedade dividida em classes sociais todas as práticas políticas (a atividade do estado e a luta contra el), assim como qualquer ideia política, tem um caráter de classe no seu interior. Isto quer dizer que o estado, a democracia, todas as instituições, partidos, etc, nom podem existir sem este caráter de classe. Por tanto nom pode haver democracia pura, nem justiça pura, nem instituição que nom seja o instrumento dumha classe social, devido a que a hegemonia desta contradição condiciona toda a existência das pessoas.

Sucede ademais que como todas as práticas e ideias políticas tenham um caráter de classe, tamén as organizações tenham um caráter de classe. O que nos obriga a plantear: que é o que marca o caráter de classe dumha determinada organização? O que marca o caráter de classe dumha organização é o seu programa político, junto com as suas práticas políticas e nom a sua composição social. É precisamente este feito o que clarifica a realidade histórica que nos rodeia. Feito que serve para entender a complexidade das relações sociais. Assim umha organização pode ter umha composição inter-classista mas nom umha prática política inter-classista, nem um programa inter-classista. Umha organização pode estar formada por obreiras e obreiros mas

ter um caráter burguês e incluso fascista.

Se umha organização política operária, de esquerda, reivindicativa e supostamente comunista, na realidade só busca reforçar as mentiras sobre a suposta democracia, ou reformar as instituições do estado espanhol para que funcione melhor, polo que nom se enfrenta ao estado, senom a determinadas práticas dum determinado governo. Neste caso temos que ter claro que é umha organização burguesa à margem da sua composição social.

4- As grandes tendências históricas gerais

Se há um feito chave para entender a realidade mundial atual é a caída dos estados obreiros, que culminou nos anos 1989-1991. A caída da URSS e demais estados operarios deveu-se a fatores internos (as classes sociais destas sociedades que som os sujeitos históricos) e nom a fatores externos (ao imperialismo). A URSS e o Estado Popular Chinês, nunca foram derrotados, nem militar, nem económica, nem tecnologicamente. Nom foi a tam criticada “carreira armamentista”, nem a “carreira espacial”, nem nada disto. Os estados obreiros tinham realizado tanto grandes avances tecnológicos, como demonstrado as maiores taxas de eficácia no aproveitamento de recursos para criar bem-estar social. tamén demonstraram os maiores índices de medre económico.

A desaparición da URSS supunha-se que era o fim da guerra fria, das reservas de foguetes nucleares intercontinentais, dos grandes gastos militares, etc. Mas o que sucedeu foi a criação de dous grandes blocos imperialistas (USA-UE, China-Rússia). Despertando umha crescente tendência ao enfrentamento entre estes dous blocos imperialistas que os dirige à guerra, abrindo a porta às burguesias de cada nação para buscar alianças com um ou outro.

Podemos estar seguros que si a atual Grande Depressom económica capitalista se prolonga a tendência ao

enfrentamento entre os dous blocos imperialistas, levará a humanidade a umha nova guerra mundial.

5- A Grande Depressom económica e a ofensiva capitalista

A partir do 2008 vivemos numha Grande Depressom económica mundial que afeta dumha maneira diferente em cada naçom. As burguesias iniciaram umha ofensiva contra as condiçõs de vida do povo trabalhador conseguindo diminuir a parte da riqueza social coa que quedam as classes trabalhadoras, como meio para aumentar os seus ganhos. A disminuçoem dos gastos do estado burguês em sanidade, educaçoem, pensions, prestaçoens sociais, etc. A baixada dos salários, o aumento desemprego, dos gastos familiares e individuais em sanidade, educaçoem, etc. O empioramento das condiçõs de vida do povo trabalhador dam-se em maior ou menor medida em todo mundo.

Em este processo assistimos a depauperaçom do proletariado, a proletarizaçoem da aristocracia obreira e a ruína da pequena burguesia.

Outro efeito secundário foi a perda de influênciam das pessoas que ocupam cargos no estado e do conjunto das instituçoens “públicas” ou privadas. O que origina esse clima de indignaçom social tam pressente. Assim, nas sociedades modernas (enquanto a enfrentar-se ao estado) o habitual é que primeiro mudem as suas condiçõs de vida e depois mude a sua mentalidade.

Mas a indignaçom social nom é suficiente para cobater de umha forma eficaz ao estado e as ilusions nas reformas. A isto somam-se as múltiplas derrotas que sofreu o movimento comunista internacional. Ao mesmo tempo tamém fai que destaquem as luitas que si que estamos ganhando. Como passa em Turquia (TKP/ML, TIKKO), em filipinas (CPP, NPA), na Índia (CPI (maoist), EGLP), ou em Manipur (PC de Manipur

– maoista).

6- A independência de classe

Um estado moderno só pode ser burguês ou proletário. Só estas classes sociais podem ter umha alternativa de sociedade moderna e polo tanto de estado, etc. Estas som as duas únicas classes que podem ter umha autêntica independência. As demais classes e setores sociais em última instância têm que somar-se, que aliar-se, a umha das duas únicas alternativas, ou a burguesa ou a proletária.

7- A contradição social hegemónica

No interior de cada sociedade há um grande número de contradições diferentes. Contradições como a de género entre homens e mulheres, os diferentes projetos nacionais, a descendência e os progenitores, alunos e mestres, campo e a cidade, etc.

Mas o que sucede nas sociedades modernas é que a contradição entre as classes traspassa qualquer barreira, transformando a natureza das outras até o ponto que as restantes contradições sociais têm umha entidade diferente nas pessoas segun a classe social a que pertençam. De maneira que esta contradição -entre as classes- obtém um carácter ao que chamamos hegemónico. E outorgamos-lhê esta categoria para deixar claro que nom se trata dumha simples diferença quantitativa entre esta contradição e o resto, senom que esta contradição condiciona todas as demais.

Daí que umha obreira galega nom sofre por um lado a contradição de classe, por outro a de género e por outro a nacional.

Podemos entende-lo melhor se vemos os efeitos práticos. Ou seja que na realidade a obreira galega nom tem umha luta comum de género com a mulher burguesa. Nem a obreira galega tem umha luta de libertação nacional em comum com

um burguês galego. Trata-se por tanto dumhas alianças que nom tenhem sentido.

O que pode suceder é simplesmente que determinadas medidas do poder político burguês favoreçam as mulheres burguesas e as obreiras, ou tamém que estas medidas favoreçam ou solucionem a opressom nacional. Mas estas contradicõs na sociedade estam “contaminadas” da contradicõm entre as classes, pois esta é a que se atopa necessariamente na própria natureza da existênciam de qualquer poder político na sociedade.

8- A origem do nacionalismo

Primeiramente gostaria-nos que clarificar um ponto nom foi estudado em demasia. Quando Marx e Engels analisaram as sociedades humanas no século XIX e incluso nos primeiros anos do século XX os estudos em antropologia social, etnografia e etnologia eram mui escassos. Em essa época era aceitado polos historiadores a hipótese de que as sociedades nacionais nascem com o capitalismo. Na idade meia a maioria das bandeiras representavam a famílias reais, os militares juravam lealdade ao rei ou rainha, as cidades tinham aduanas que impunham aranzéis, os estados eram territórios semi-independentes dominados por umha família aristocrática que se comprometia a enviar forças militares se lho pedia um aristocrata mais poderoso com o que tinham umha aliança, etc. Polo que foi coa burguesia como se unificaram os territórios em estados formados por umha ou mais naçons. Ademais nesta época deram-se outros dous feitos fundamentais, como som que amenta-se o número de pessoas alfabetizadas e o nascimento histórico do nacionalismo.

O nacionalismo nasceu coa classe burguesa como instrumento de legitimaçom (ante a rutura coas anteriores tradiçõs aristocráticas e clericais) em substituto da religiom, como a falsa consciênciam que justificava o sistema social existente.

O Estado Espanhol sustenta-se com o nacionalismo espanhol. Por essa razão a crítica a este nacionalismo é uma obrigação para os comunistas e os comunistas de qualquer nação do estado. Sem que a classe operária se livre do nacionalismo espanhol é impossível que adquira consciência.

9- A origem das nações

Ainda que Marx e Engels não puderam ver os dados que o demonstram, hoje é muito maior os estudos de sociedades primitivas, pelo que o materialismo histórico tem suficientes elementos para poder afirmar que a existência das nações -como identidade e como relação social objetiva das pessoas- não só é pré-capitalista, senão pré-classista.

A primeira sociedade de homo sapiens sapiens não utilizou uma língua neutra que deu origem a todas as demais. Senão que a primeira língua (da nossa espécie) já tinha tanto normas gerais que ainda existem nas nossas línguas, como particularidades, significantes, exceções, etc, que são únicas, que são características dum determinado idioma.

Temos que entender que as primeiras nações eram sociedades nômadas pelo que se deslocavam por um território segundo as condições do ecossistema. Também temos que ter claro que os povos não são algo eterno senão que nascem e desaparecem dumha maneira digamos “natural”, entendido como um fenómeno ou atividade espontâneo e habitual, (se é que se pode empregar “natural” para referir-se um fenómeno das sociedades humanas). Isto até o momento em que aparecerem os estados (é dizer as classes sociais). Circunstância a partir da qual as classes sociais dominantes utilizam os mecanismos dos mesmos para destruir certos povos, basicamente recorrendo ao genocídio, a repressão e a assimilação.

Uma nação é uma relação social objetiva entre umas pessoas, que pode criar uma identidade própria e concreta

destes sujeitos: linguística, psicológica, de hábitos, económica, etc.

A contradição e a luta de classes dá-se dentro da sociedade nacional, entre as partes (as classes) que a formam. Ao mesmo tempo desde a aparição do capitalismo imperialista, ao gerar-se uma economia mundial, com um comércio mundial, uma divisão do trabalho mundial e por tanto uns interesses políticos mundiais, também aparece uma luta de classes a nível mundial.

Este tem que ser um critério do Marxismo moderno, frente a um Marxismo dezimonónico que não entende o método comunista e que requer uma cita de Marx para poder existir.

Numa sociedade dividida em classes todos os conceitos, toda teoria social, todas as organizações têm uma pegada de classe. Habitualmente têm os prejuízos das classes dominantes e excepcionalmente da classe ascendente que se enfrenta a estas.

Desde que nossa espécie existe todas as pessoas têm umas características nacionais. Nunca existiu um obreiro abstrato, universal, sem umas características nacionais. Características que de formas distintas estão presentes em nós, formando parte de todas as pessoas que existiram no nosso planeta.

A ideia da nação e da pátria não pode escapar da divisão social que significa ser de uma classe com uns interesses determinados. De maneira que na unidade social objetiva com uma dinâmica interna própria que é a nação, os interesses de cada classe são antagónicos. Desta forma seguindo a Lenine podemos afirmar que “em cada nação há duas nações”. Por um lado está a nação dos exploradores e pelo outro a nação dos explorados. Na nação dos explorados podemos encontrar toda a beleza, toda a criatividade, toda a ternura, das camponesas, marinheiros e obreiras que formaram e

formam o povo trabalhador galego. Mas tamén podemos topar com todos os prejuízos reacionários que a aristocracia, o clero e a burguesia galega tenhem difundido em toda sociedade.

Numha sociedade capitalista a pátria, a propriedade “pública”, as salas de reunions, as ruas, etc, estam ao serviço da burguesia. A naçom e a pátria som ideias que na boca dum burguês estam a prestaça dos interesses da sua classe. Deste modo, se um obreiro repete estas mesmas ideias burguesas está servindo aos interesses da burguesia. Pois as ideias políticas burguesas estam em primeiro lugar para ocultar o caráter de classe do estado e de toda a sociedade. Nem a pátria, nem qualquer outra cousa pode escapar da contradiçom entre as classes.

Ademais na maior parte da história de todos os povos o interno é o fundamental e o externo o secundário. Ademais o externo atua a traves do interno. Daí que o poder político externo acaba transformando-se num conflito entre sujeitos históricos da sociedade. É neste processo como a luita de libertaçom nacional galega acabará transformando-se numha guerra civil revolucionária.

Nom podemos deixarnos enganar pola burguesia galega. Nem no estado espanhol, nem em um estado burguês galego existem os interesses nacionais, nem a pátria, nem a propriedade social. A nossa pátria construiu-se quando o povo trabalhador galego possuia o poder político, construiu-se com um estado proletário galego, sobre a base da propriedade social e do autogoverno das massas que formam o povo trabalhador, com critérios científicos e democráticos. Sobre esta base criaremos as novas relaçons entre as pessoas, essa será a nossa verdadeira pátria socialista galega.

Umha parte desta pátria socialista galega já existe agora, -porque o novo nasce do velho- está nas pessoas, nos hábitos mais avançados.

Etnogênese

A etnogênese é a busca da origem das diferentes sociedades humanas. Como se produz a sua aparição e a sua desapareção como sociedade. Como as nações se transformam em outras ao longo do tempo. A etnogênese leva ocupando a ciência social desde há mais de 150 anos.

A continuação vejamos o que dizem alguns dos primeiros autores que trataram este tema. (1) : “...A agregação de casas forma a tribo. A agregação de tribos forma a nação (commonwealth).” H J Sumner Maine (1861).

“Em um período posterior a união de tribos em um território, como nação, substitui à confederação de tribos que ocupavam espaços independentes. Esta foi a organização substancialmente universal da sociedade antiga.” L H Morgan (1877).

Também F. Engels em “A origem da família, da propriedade privada e do estado”, tratou este tema. (1884): “Em certas comarcas tribos que eram parentes na sua origem, que se separaram depois, reuniu-se de novo em federações permanentes dando desta maneira o primeiro passo na formação da nação.”

Particularmente interessante parece-nos o caso dos guaranis. Um povo composto por 8 milhões de pessoas, que habita nos estados de Brasil, Paraguai, Bolívia, Uruguai e Argentina. A arqueologia afirma que os guaranis existem como povo diferenciado (separando-se do tronco Tupiguarani) desde como mínimo mil anos Antes da Nossa Era (Noelli [1993], Soarez [1997]).

Sendo um dos povos indígenas com mais estudos etnográficos, arqueológicos e literatura científica. Autores como : Oliveira (1976), Noelli (1993) , Barth (1998), etc.

Noelli demonstra que os guaranis buscam o “Nhande Reko”, umha “maneira de ser” autenticamente Guarani. Umha “maneira de ser”, “O que nós fai ser nós”, “o que nós somos”, “o que somos todos nós” “o jeito de ser”, “o nosso jeito”, som

algumas das expressões com que se traduz esse conceito que define a identidade Guarani. (ver nota *). Umha identidade que tem mais peso nas zonas onde os conflitos com outros grupos são mais frequentes.

Proto-patriotismo

Na relação dos guaranis com outros povos deu-se o perigo de perder a sua identidade, o que os levou a reafirmar-la, até o ponto de provocar umha auto-afirmação, criar um conceito, que se transforma numha frase, depois esta frase transforma-se numha expressão, mais tarde esta frase recortou-se até ser um nome com duas ou umha palavra (Nhande Reko)*.

Este “Nhande Reko” é um fenómeno social do que podemos topar a sua existência em outros povos. Trata-se dum conceito, dumha atitude, que não só é passiva e conservadora -como poderíamos supor- Senão que implica reivindicar a identidade própria dando-lhe protagonismo e importância a elementos (comportamentos, frases, decoração, roupa, rituais, costumes, dieta, etc), que antes não tinham nenhuma transcendência. Ademais esta nova transcendência produz umha predisposição a recalcar certos componentes culturais dumha determinada sociedade. Assim que umha decoração, umha determinada prenda de vestir, umha frase, ou um determinado hábito; de repente volve-se mais marcado. Pode que um motivo decorativo ganhe protagonismo, colhendo um novo significado, volvendo-se de maior tamanho. Que umha costume ritual dure mais tempo (saudos, despedidas, festas, etc), ou que um determinado objeto passa a ter umha importância simbólica, etc.

O “Nhande Reko” é a maneira como o povo guarani reivindica a sua identidade em diferentes circunstâncias da vida.

O que demonstra a etnologia (ou antropologia social) é que há casos em que incluso povos sem classes, nos que se dá umha relação de enfrentamento com um estado e com colonos, num primeiro momento produz-se umha convivência das

costumes tradicionais deste povo e das novas costumes, mas quando as novas costumes som tam habituais e significativas que lhe dam umha nova identidade a estas pessoas, provoca que apareça umha reação contrária -em determinados indivíduos- deste povo. O que leva a umha reafirmação da sua identidade nacional. Umha reafirmação nacional que busca remarcar simbolicamente a sua identidade. O que cria a consciência de que é necessário afirmar-se como membro dumha comunidade que é fruto dum legado ancestral. Algo que nom representavam anteriormente nengum dos usos, dos objetos, etc, que desde esse momento formam parte de esta reivindicação nacional.

Temos que entender que nom é o mesmo reconhecer-se como membro dumha comunidade, que ter umha expressom que afirma que umhas formas, usos e costumes, som as próprias e que devem de ser generalizadas. De maneira que ao fim o “Nhande Reko” é umha subjetividade que se transforma em comportamentos, em relações sociais, tendo como premissa que os guaranis temhem o dever de ser guaranis. Polo que podemos dizer que estamos ante umha praxe autenticamente proto-patriótica ou proto-nacionalista. Este proto-patriotismo de sociedades sem classes sociais é algo diferente ao nacionalismo das sociedades classistas. De nengumha maneira podemos confundir este feito, mas o importante é a constatação de que espontaneamente o enfrentamento com o elemento externo, pode levar a umha toma de consciência, a umha reivindicação nacional e a aparição dumha resistência espontânea contra o estado opressor, incluso em povos mui primitivos como o guaranis. Povos que na sua língua nem tam sequer tinham umha definição, umha palavra para descrever ao estado.

10- Transformar o mundo

A teoria revolucionária é o fruto do estudo das experiências da prática social ao longo da história de cada povo. O destacamento comunista é em primeiro lugar um

organismo criado específica e conscientemente para a elaboração coletiva e metódica da imprescindível teoria revolucionária. Conta com um método de análise e um método de trabalho.

A função do destacamento comunista é: elaborar, proclamar (publicar, estender), defender (luta de duas linhas) e aplicar (mobilizar): a teoria revolucionária.

Elaborar, proclamar, defender e aplicar: a teoria revolucionária.

O destacamento comunista é um instrumento específico dumha parte da vanguarda proletária dum determinado povo. Deve ser organizado para realizar um trabalho coletivo de estudo crítico da prática histórica concreta. De maneira que o destacamento tem que organizar-se na prática para este estudo coletivo. Tem que organizar-se para a elaboração, publicação, divulgação e agitação, da guia para a ação que é o socialismo científico. Mediante o método de trabalho da crítica e auto-crítica coletiva, utilizando a fórmula de praxe-crítica-praxe da realidade e sobre a realidade social.

O partido proletário de novo tipo é umha relação social objetiva que une a teoria revolucionária e o movimento revolucionário, ou o que é o mesmo a vanguarda e as massas. Umha relação social objetiva é algo real, que pode ser medido. Não é um sentimento, umha opinião. De nada vale que un gran grupo de comunistas nos unamos. Si não podemos ligar esa teoría aun movimento real. Si não podemos elevar as massas até que tomen como guia a teoria revolucionária.

Som as grandes massas que formam o povo trabalhador as que fazem a história. Mas si não conseguimos que estas massas tomen como guia a teoria revolucionária fusionando-se com a vanguarda, si não logramos fundir esta teoria a un movimento revolucionário real, por mui boas intenções que tenhamos, por muitos comunistas que nos juntemos, seguiremos sem ter un partido proletário de novo tipo. E temos que ter compreender que só as massas armadas e

organizadas conscientemente podem criar os instrumentos de contrapoder revolucionários, desenvolver a guerra popular, acabar com o capitalismo e construir uma sociedade socialista.

No nosso país vemos como outras organizações comunistas ou bem reclamam a independência tendo em maior ou menos medida como base uma falsa imagem de Galiza como uma sociedade colonial, ou bem reclamam estrategicamente a autodeterminação.

Nós apostamos estrategicamente pela independência nacional -tendo consciência real da sociedade galega- e taticamente por cada proposta ou processo de auto-determinação concreto.

A aposta pela toma do poder pelo proletariado galego e a independência como objetivos estratégicos tem umas bases teóricas: a tese da origem pré-classista da nação, a concepção da sociedade nacional como unidade social dividida em classes -contrários- em luta, a luta de classes nacional com a sua dinâmica interna particular, a luta de classes mundial, a concepção do nacionalismo espanhol, do Estado Espanhol como aliança da oligarquia espanhola e da burguesia galega, do caráter hegemónico da contradição entre as classes sobre todas as demais contradições sociais, a concepção sobre a transformação da luta de libertação nacional em guerra civil revolucionária, a caracterização da situação histórica como de resistência espontânea do povo trabalhador galego, a guerra popular, etc.

Por essas razões vemos a autodeterminação nacional -dentro do Estado Espanhol- como algo que não está na nossa folha de rota. Algo sobre o que decidiremos taticamente em cada momento, se por circunstâncias históricas alheias ao proletariado nos topamos com ela no caminho.

Soma-te a divulgação do comunismo antirrevisionista.

Notas

(1) Sumner Maine (1888-1922), Lewis Henry Morgan (1818-1881), Lewis Henry Morgan (1818-1881)

* Há várias maneiras de escrever esta palavra “Nhande Reko” com outras ortografias (Sustituição de “nh” por “ñ”, também todo junto: Nhandereko, Nhandereke, Nhanderek, Nhande Recó).

Nhande pode traduzir-se numa frase por: nós, todas nós, todos nós.

Reko pode traduzir-se numa frase por: ter, conviver, ser, maneira de ser, cuidar, hábitos.

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !

Ateneu Proletário Galego 

O comunismo antirrevisionista: entender e transformar o mundo

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !
